

## TRATAR O MEDO POR TU

PAULO CÔRTE-REAL

Ser gay ou lésbica ainda é viver com medo. Medo do insulto quotidiano, da eventual agressão, do bullying. Medo da rejeição familiar, da impossibilidade de construir uma família que seja nossa. Medo da não-contratação, da não-promoção, do assédio. Medo da ida ao hospital, da ida à esquadra da polícia. Medo da hesitação, medo da quebra no olhar que se desvia, medo do desconforto sistemático.

Sempre lá, o medo de dizer quem somos, sabendo que ninguém pergunta – e sabendo que, quase sempre, pedem que não o digamos. E sabendo que ninguém nos vê, se não o dissermos. Sempre lá, as razões para ter medo. Sempre posta em causa, a primeira liberdade de expressão – a da expressão da identidade.

Todas as pessoas sabem o que é ter medo, mas não o que é viver com medo. Um medo permanente, que subjaz, que sobrevém.

Sempre, na vida, procurei – em conjunto com quem partilhava e partilha este medo que persiste – ajudar a construir segurança. Leis que não nos agridam, práticas que não desviem os olhares. Construir segurança que pelo menos coexista com o medo que sempre esteve lá. E construir calor, que o medo é frio.

E, em plena pandemia, todas as pessoas convivem com o medo. Por entre tantas perdas de tantas pessoas e por entre tanto sofrimento, ainda que diferenciado por todas as desigualdades, é a primeira vez que sinto que temos, de forma persistente, medo em conjunto. Mas é só um. Para pessoas como eu, outros medos persistem – e se agravam.

Desde logo, continua o medo de dizer.

Durante a pandemia, perdemos vários espaços comunitários em que lésbicas e gays conseguem encontrar força em conjunto para vencer o medo. Lembram-se do massacre homofóbico na discoteca em Orlando, em 2016? Ele foi especialmente perverso porque impôs o medo num dos poucos espaços sem medo. Neste período, perdemos vários destes (poucos) espaços de liberdade e de segurança. E também não pudemos tomar as ruas em comemorações do Orgulho LGBT, os momentos em que levantamos a voz para gritar a nossa existência e resistir aos silêncios que quotidianamente se arrastam.

Ao longo desta pandemia, existimos menos enquanto lésbicas ou gays, deixámos de nos ver e de nos rever. E uma casa não é necessariamente um espaço de segurança; por vezes, é até o oposto, sobretudo para jovens LGBT.

É por isso ainda mais importante a visibilidade a outros níveis, como nos espaços de opinião que continuam a estar longe de refletir a diversidade de experiências que precisamos de conhecer. Seja no que diz respeito às vozes de mulheres, de pessoas LGBT ou de minorias étnico-raciais, é mais do que altura de trocar o não dito pelo dito. Até porque somos pessoas com mais a dizer, que há toda uma herança de silêncios.

Mas há também um medo que, neste período, se agrava.

É que, por entre os silêncios das experiências de pessoas que integram minorias, faz-se ouvir a voz que aproveita esses silêncios para mobilizar o ódio. A voz do ódio ouve-se bem. E há quem não perceba a ameaça que isso significa, porque não conhece bem o que é viver com o medo. Há – nomeadamente na política e nomeadamente à direita – quem relativize, justifique, pondere, calcule. Há quem confie num sistema que, afinal, nunca deu segurança a muitas pessoas. E há quem não se lembre de ouvir e fazer ouvir as vozes de quem sempre soube que há razões para medo.

É mais do que altura de falarmos mais alto e de reclamarmos espaço. Pela segurança que merecemos ter, pelo medo que temos que saber recusar e afastar.

Eu sou gay e mereço a segurança de poder dizê-lo – e de poder dizer de mim – sem medos. E quero ouvir e ler mais pessoas que têm mais a perder com o galope do ódio. E quero ajudar quem decide, quem vota e quem ocupa cargos de poder, a ter mais dados sobre as muitas pessoas sem voz, para decidir melhor.

Sim, esta é a altura de dar voz a quem sabe tratar o medo por tu. E de aprendermos assim a dizer nós.